



Quinzenário humorístico e literário

Guimarães, 18 de Abril de 1915

PIMENTAS E PIMENTÕES

Duas substâncias aromáticas e causticantes destinadas a produzir efeitos salutarés na insipidez morna de muito lépido astucioso, e assaz pretensu ao que nunca poderá atingir na craveira social.

A vida são dois dias, meus caros leitores, no martelar incessante da lógica do amigo Jagodes, e se a mesma lógica é infalível, como me leva a crêr por muitos e variados efeitos que determinam muitas e variadas causas, eu cruço os braços em forma de X, e, vergando à destra, digo aos tais lépidos astuciosos: — *Ora toma, Mariquinhas!* — deixando-os, por aí, estrebuxar livremente a sua sentimentalidade impressionante, meramente unvida pelas lágrimas saudosas das ilusões que se desfazem.

Mas deixando em forçado parêntesis as frases acima escritas, porque de momento me apraz tratar, com mais vantagem e melhor aproveitamento, de mais coisas, *pontinhos, êdcetera e tal*, também affectas, e muito affectas, às minhas *Pimentas e Pimentões*, que serão, de fucturo, o prato de guerra da quinzena, posto aqui, nesta mesa safara onde trincharei, irmanamente, os nacos avermelhados da crítica picante, para tudo, e todos que *dêles* cobicem, têm que sobre mim caia uma pesada e tremenda *dissolução* que me ponha o corpo em *vasa barys* e o naris rubro como a flôr do rabanete. *Deus super omnia!*

Mas dando de barato que tal aconteça, porque de tais desastres ninguém está livre nesta pobre e infeliz Europa corrida e apupada pelo sangrento poder teutónico, eu, mais generoso que vingativo, gritarei como um poccus — *Anistia! Anistia!* — para que os criminosos regressem à Pátria amada como os bacorinhos da tia Anastácia regressaram ao cortelho predilecto de Charamélas, nédios, górdos, a grunhir sandices.

O liberdade de vêr e de pensar, onde paras tu? Aonde está a tua sinceridade e o teu mérito?

Talvez na pança do sr. Alpoim, nos seus achaques, na sua tradicional gôta ou nas suas joalheiras de flanela e algodão com fitas de nastro e alfinetes de segurança!

Corria o ano do terror dictatorial de João Franco. Era então o sr. dr. Guilherme Moreira presidente da comissão municipal e redactor da *Resistencia*, de

Coimbra, e um dos mais activos propagandistas da ideia republicana.

Sucede, entretanto, que João Franco manda aos lentes uma circular proibindo-os de se manifestarem contra as intuições vigentes.

O sr. dr. Guilherme Moreira, tendo recebido officio nesse sentido, declarou numa congregação de Faculdade que «só lhe dava a importância de o lêr naquêl lugar por se lhe afigurar assunto que interessava a todos os lentes e que continuaria a proceder como até ali havia procedido, exercendo livremente os seus direitos de cidadão,» não acatando a dictadura.

Aberta em 1895 a vaga de catedrático que cabia ao sr. dr. Guilherme Moreira, pela apresentação do sr. dr. Bernardo de Albuquerque, João Franco não o promoveu como devia. O professor da universidade dirigiu-se então ao homem numa carta publicada no *Paiz* proferindo esta ultima frase: — *Miseravell!* João Franco nada sentiu; o sr. dr. Guilherme Moreira fez vibrar as suas justas impressões. E quais serão as impressões de hoje das victimas de tantas torpezas?

Como tudo muda e se transforma!

Ferrabraç.

AO MEU AMIGO TARAMELO

Com que então o meu amigo,
Dá conselhos duma cana?

Coisa q'eu não consigo,
Meu amigo,
Se não vêr nêles a — Gana!

Não se faça feiticeiro,
Deixe cá o meu detriço.
Se lhe vierem tais males,
Só lhe vem do seu toitiço!

E s'um dia tal se der,
Não se importe não, com tal.
Se não perderá o comer,
E olhe q'isso faz-lhe mal!

E o ramo das violetas,
E a morena e a russa;
Não ando agora p'ra tretas,
Nem p'ra sua carapuça!

Fica por aqui o caso,
Visto que mal o notei.
Foi no *Melro*, por o acaso,
Que os seus versos encontrei!

Mas se voltar ao fiado,
Tem-me no campo da liça.
Mas creia o Snr., bem criado,
Que do contrário, isso Xiça!...

Manel.

Um sonho horrível !!!



dores nas águas do oceano!...

Depois, adormeci e sonhei...
Mas... o que foi que sonhei?...
Ah! já sei!

Foi como o vou contar:
Sonhei, que o «PALITO», homem de farta bigodeira e servente do mui histórico palacete, muito embebido na sua escura capa pilha-galinhas e sobraçando nervosamente um fortissimo bengalão, me disse alta noite e em voz trememente o seguinte:

— Senhór Guimarães Pedral.
Comunico a V. Ex.ª, que a maldita *dentadura* do snr. Pimenta de Castro, por artes de berliques e berloques, forjou e publicou no «Diario do Govêrno» de tantos de tal de mil novecentos e tantos, um abominavel decreto dissolvendo os bons e leais dirigentes cá do nosso escritório e incumbindo prontamente o Chefe do districto de nomear novo pessoal... até vêr!

Tremi e enraiveci ao ouvir as palavras do meu guardião.

Depois, ouvi o repique festivo dos sinos, o relógio da Oliveira a tocar desabridamente; musicas tocando progressivamente o hino cá do velhote; vivas á *Cristina* e môrras á *Bernarda* e de viva a *dentadura* do sr. Pimenta de Castro.

Confesso que não me senti jubiloso com semelhante trapalhada. Mas de repente, como um tufão que passa, eu vi a dirigir-se a mim muito vagorosamente e com tentações diabolicas para me apertar o gasganête, uma figura altiva a exclamar furiosamente:
— Eu cá, sou o passado!!

Se tu, pobre e velho Guimarães, te tentares opôr ás nobres e variantes figuras do passado a que pisem o rico e bordado tapete daquelle salão... garanto-te pela alma dos meus defuntos, que te farei desaparecer desabridamente!...

Acordei sobresaltado e vi que era o pesadêlo desta cruz tão malfadada.

Roskof.

INSTANTANEOS

— Quem é que quasi sempre apanha cada pitóla?
— E' o *Gaiola*.

— Quem é que come ovos como um vareiro?
— E' o A. Cabreiro.

— Quais são as pessoas, que gostam muito de no Jorge estarem conversando e p'ra assunto nuuca escolhem têmea?
— São o Fonseca e sua filha Ema.

— Quem é que no Campo da Feira anda sempre de esquina em esquina?
— E' o Pina.

— Quem é que pelas Avenidas passeia muito, indo em visita ao belo e afamado tinto?
— E' o nosso *primeiro* Pinto.

— Quem é que só diz asneiras quando fala e melhor faria se estivesse calado?
— E' o Pedro 'smoucado.

— Quem é que, na defesa da russa, o seu corpo precisa de ir ao cotelo?
— E'... o Taramelo.

— Quem é que julga captivar todas as mulheres e deante das mesmas se desfaz em prantos?
— E' o Alberto Santos.

— Quem é que em breves dias, pela sua gordura, darão o corpo a sepultura?
— E' o Braga e o seu amigo S. Boaventura.

— Quem é que contra as ameaças do Cunha tudo arrosta?
— E' o Costa.

— Quem é que tratando de caça é um grande linguareiro?
— E' o J. Cabreiro.

— Quem é que anda muito zangado e não quer que a verdade se diga?
— E' o Roque e sua amiga.

— Quem é que vive da *feiticeira* mas não consegue arranjar nada com ela?
— E' a russa *donzela*.

— Quem é que prometeu vingar-se da minha pessôa e nada faz por ninguém lhe prestar atenção?
— E' Roque Leão.

Noelma.

Môscas da Prússia

—Eia, *Cachêna*, para onde vais tu *mafarrico*, tam embriolada, cusbindo e torcendo o nariz?

—Não te mêtas comigo, *Rendido*; sabes que eu não sou para graças e que se levanto a tamanquinha, dou-te até o diabo dizer bonda...

—Não vale zangar, falemos de mansinho; não vá o povo dizer que andamos sempre às turras como os carneiros.

—Qual *turras* nem meias *turras*, é coisa que nunca dei. Sabes que sou uma mulher séria, além de pobre, mas... mas... não sei se me entendes...



«Cachêna»

—Não precisas dizer mais. A seriedade em ti passou mas não pegou. Foi como manteiga em focinho de cão...

—Cão és tu, meu beleguim; eu não pertencço a essa raça cabeluda que os empregados da câmara tanto persegue, com a rede e com a bola.

—Não te zangues, não te zangues, meu rico mangerico em manhã de S. João...

—E' lá alma do diabo! não me ponhas mais alcunhas, são tantos como a chuva. O Petim já me pôs mais uma.

—Mais uma!

—Sim, mais uma alcunha; então que havia de ser?

—Julguei que era outra coisa.

—Outra coisa não, foi outra alcunha e por sinal bem bonita que ela é!

—Então gostas?

Será da pimenta?

Os homens do mando,
Que o povo lamenta,
D'andarem às turras,
Será da pimenta?

Senados, paróquias,
Que o povo aguenta,
Vai tudo à mólha,
Será da pimenta?

Armindos e Portas,
Que a manja atenta,
Aguçam o dente,
Será da pimenta?

—Se gosto! Pois se éla é tam-bem cheirosa...

—Qual é?

—*Melão*, chamo-me *melão*, a fructa que tam-bem cheira; e assim todos me cercam, lá para o tempo, para me *cheirar*.

—Para te cheirar, ó calhastrós! Quem te ha-de cheirar?

—Todos, até tu no... a vêr se estou maduro. Ha-des cheirar, *Rendido*, ha-des cheirar...

—Raios te partam, mostrengo, que me estás a fazer tossir e olha que te atiro já à *pavana* se me dizes mais uma.

—Se te faço tossir é do cheiro



«Rendido»

que é um tanto apimentado. Tem pimenta, muita pimenta.

—Não fales em *pimenta* raio, que vais preso. Olha que a *pimenta*, anda hoje armada de espadagão a dar *lambada* em toda a gente e a levar tudo para o *xilindró*.

—Não faz mal; já estou afeita, já estou acostumada ao *xilindró*. Tenho visto de lá muitas vezes o nascer e o pôr do sol.

—Isso tam-bem eu, por infelicidade minha. Quando tomo a camoeca e faço barulho, lá estou caído como um passarinho a vêr o tal pôr e o nascer do sol.

—E em que fase gostas mais?

—Quando se põe.

—Pois eu gosto mais dêle quando está a nascer. Até me dão... *ataques... de loucura*.

Ferrabraç.

Tomás, Tomasinho,
Que a *rocha* acalenta,
Está feito doutor.
Será da pimenta?

Zé Gômes Maria
Prepara a *Sebenta*,
P'ra lêr no senado.
Será da pimenta?

Eu creio que sim,
Que tudo atormenta,
Os pôs pardacentos
Da tal *pimenta*!

Jagódes.

Um grande orador

O discurso que a seguir publicamos pertence ao *ilustrissimo orador Gaiolas* que foi proferido pela ocasião em que os seus numerosos amigos lhe ofereceram um *opiparo e lauto jantar* na Associação Taconista.

Ei-lo tal e qual como S. Ex.^a o pronunciou:

«Eu encontro-me perfeitamente satisfeito com a presença do meu amigo L... No domingo passado tinha combinado com o sr. para comparecer no local onde se havia de dar o nosso lauto jantar, não se dignando a aparecer: mas, como já disse, sinto-me bem por estar em companhia de um homem ilustrado como o sr. é, como tam-bem por sabermos apreciar esta bela pinga que é, na verdade, boa.

No meu discurso peço para que me deixem contar a minha infeliz vida e aventuras, como tam-bem agradecer, ao mesmo tempo, êste petisco que está de primeirissima ordem. Que dizes, ó *ilustrissimo*? Olha que eu descubro...

(Um dos seus amigos levantando-se, diz: vamos ou não ao resto do seu discurso?) Lá vai, velho. Ora, oiçam: isto vai cantadinho, senão não tem piada nenhuma:

*O meu pai berra e tem razão
Que gasta oito tostões por dia
Para despezas da casa
Fóra azeite e carrão.*

(O amigos Gaiolas acrescenta: e lavadeira?!).

A verdade diga-se: eu precisava com uma moca, porque ganhando eu quatro centos e vinte por dia, podia ter dinheiro para me vestir e calçar, mas sou tam infeliz que nem para isso arranjo. Todos lamentam a minha sorte, pois que há homens que ganham doze vintens e sustentam uma casa de família. Se me chego a casar aí de mim e de meus filhos baerinhos. Sou infeliz. O meu pai tem ocasiões que não fala para mim dias e às vezes meses.

Enquanto a esperto sou, e não é p'ra me gabar porque finuria e intrujar meu pai, sei. Quando lhe quero apanhar um fatico, umas botas de cano ou uns sapatos com fitas de seda, pela manhã, quando me levanto, com todas as meiguices, digo: bons dias meu pai dá-me a sua bênção? Ele muito carrancudo vira-me as costas e não abre bico e se abre, ronca medonhamente e a única coisa que me diz é: vai ganhá-lo malandro.

S. Ex.^a chorando por um olho vinagre e por outro azeite, cai desmaiado nos braços dos seus numerosos amigos, sendo interrompido o seu retumbante discurso por meia hora.

Conclue no próximo número.

AVISO

Prevenimos os nossos estimados assinantes que de ora avante não satisfaçam os pagamentos dos recibos sem verificarem nas costas dos mesmos a chancela monograma A. D.

Um alvitre aos homens do passado que voltam a gerir o município desta cidade!!!

Do velho e maduro poeta de Atães, recebemos uma interessantissima correspondência á qual gostosamente damos publicidade:

Atães, 14 — Lembro maduramente á nova comissão que vai administrar *francamente* o município do meu rico e minhoto concelho, a conveniência *real* de modificar os nomes das ruas que, após o advento, os democráticos logo alteraram com toda a sua basófia formigal, assim:

Rua da Republica — Rua das Cruzes ou rua do Medalhão. Rua Gravador Molarinho — Rua da Juventude. Rua de 31 de Janeiro — Rua Azevedo Coutinho. Rua de Trindade Coelho — Rua do Padre Domingos. Rua do Dr. Avelino Germano — Rua da Missa das Almas. Rua Elias Garcia — Rua Moreira d'Almeida. Rua Egas Moniz — Rua do Senhor dos Desamparados. Largo 1.º de Maio — Largo dos Sindicalistas. Avenida Miguel Bombarda — Avenida Henrique Couceiro. Avenida Cândido dos Reis — Avenida Manoel II. Passeio da Independência — Borasca 13 de Agosto. Rua de Padre António Caldas — Rua Padre Afonso Paulino. Rua da Liberdade — Rua da Restauração.

MADURO.

Mostarda

Guimarães, na redonesa,
E' um prato de sobremesa
De que eu não passo a gostar;
E' um prato azul e branco,
Com o retrato do Franco
Que Deus tenha em bom lugar.

Mas se tu, povo minhoto,
Que vivias quasi morto
Queiras ou tentes derrubar
Este regimen sagrado,
Eu por meio dum petardo,
Guimarães mando arrasar!!!

Roskof.

Amigo Tarame-lo: a sua predileta russa já chegou?

DECRETO VIII

Atendendo que a população de Guimarães aumenta de dia para dia consideravelmente;

Atendendo que as hortaliças, arroz, assucar, bacalhau (sem ser marroquino ou chinesimo, mas sim o inglês-ó-norueguês) e outros géneros de consumo estão pela hora da santissima morte;

Atendendo que tudo se há de remediar da melhor forma;

Eu *Espião* hei por bem decretar ás minhas autoridades livres e secretas que a exportação d'esses géneros para o estrangeiro fique rigorosamente proibida, com o tam-bem enforçar todo o açambarcador que queira infringir êste decreto.

Guimarães e Sala das Sessões aos 17 de Abril de 1915.

Segunda feira, 26 de Abril

P'RA CÁ VENS DE CABRINHO

Souvenir!

(A Elvira Freitas Santos)

Elvira, linda Elvira
Como tu estás formosa!
Tu és a linda safira
Linda joia preciosa!

Quando te vejo, Elvira
Com esse rosto sedutor
Lembras-me a Virgem Maria
A santa Mãe do Senhor!

Se tu tivesses Elvira
O teu cabelo doirado,
Toda a gente te diria:
Tu és um anjo sagrado!
Abril, 914.

António da Silva Carvalho.

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE ABRIL

Documentos do ESPIÃO

A carta que hoje publicamos, pertence a um despresado pela sua amada, á qual lhe pede misericórdia.

—Minha crida Maurgarida.

Istimo que esta carta te vá encontrar bõa e gordá, e muito ferinha que muito gosto te ver assim.

O ce te fiz no domigo na rua de Sante Cruz foi para ber u amor que me tinhas mas tu fizeste conta ce eu um cão ce lá estava. Diz me crida Maurgarida se tens me amor ou não por ce o meu apaixonado curaçãõ ande como um-a brazã. Se pudeces be-lo bias como elle ardia. Mandame resposta pelo Zé disen-do ce me ammas ce e pra ber auga deitada na ferbura.

Cumo saves sou es-te que de e noite não durmo pensando nos teus olhos e na tua formosa caveleira russa.

A. F. S.

Recomendamos á formosa rapariga que perdõe ao seu amado pesquẽno, que pelo visto tem chorado lágrimas de crocodilo.

O ESPIÃO vende-se no Quiosque do sr. Torquato Gonçalves, ao Passeio da Independência.

A PURIDADE

Que a ronda noturna dos jovens católicos desta cidade, é feita de calças na mão.

—Que são mais desconfiados do que um bicho de buraco.

—Que o local do Sabugal por eles escolhido para a vigilância, é um bêco de má nota.

—Que em breve serão bem gratificados.

—Que o professor Godinho meteu um figurão nas Caldas das Taipas, com o seu competente violão.

—Que parecia uma pescada toda inchada e repimpada.

—Que no regresso, esteve pres-tes a cair do tejadilho da carrua-gem.

—Que os taipenses, pela oca-sião da visita de D. Manó!, ex-ploraram fortemente os vimara-nenses.

—Que a alguns, levaram por um bife, pão e meio decilitro, 400 réis.

Espião.

MUSEU MODERNO

—Os chales azuis da Mariqui-nhas.

—As correntes do Lódo.

—A pera do sr. Guimarães de Creixomil.

—O chapéu preto do Cõxo.

—A carneira do Bernardo.

—O nariz do sôr Pereira.

—A gordura do Castro da Pra-ça.

—As luvas do Bilontra.

—A «russa» de Santa Cruz.

—A sua inegualavel defêsa.

—Os novos e velhos zeladores.

—O dez da esquadra policial.

—A capa do chefe dos cucos.

—O automovel do Pinto.

—O laparõto e refeinho Si-mão P. R. G.

—As armas de S. Francisco.

—Os judeus do Campo da Feira.

—Os mesmos, sem as tornei-ras.

—O novo jardim do Proposto.

—O grande rio de Santa Luzia.

—O palacete da Misericórdia.

—Os óculos do Sobras.

—O capote do Ribeiro.

—O bonnet branco do Simão.

—As chancas do Silva miner-vista.

—O seu soberbo cache-col.

—A gaiola de S. Bento.

—As calças do João Rato e os sócos de pano.

—O sobretudo do António Milhão.

—As calças do Bartinhos.

NO THEATRO AFONSO HENRIQUES

SOFRIMENTOS

Se às vezes quando penso em ti amor Me surge a esperança de te vêr, Também a minha alma sente a dôr Das tuas máguas, que te faz sofrer,

Vejo passar diante da minh'alma O agudo soluçar dos teus gemidos Como os harpejos da harpa em noite calma Sons dispersos ao vento assim perdidos

É noite no meu peito solitário Sinto no coração, certo fadário Que me traz a tua alma peregrina

Fere-me o coração, uma dôr profunda E vejo passar tua alma moribunda Levando no coração a paz divina,

Guimarães, Março 915.

António de Magalhães.

Desastre

Na passada terça-feira, pelas 15 horas, quando o nosso querido amigo sr. Antonio da Silva, «O Púcaro», proprietário do café e restaurante do mesmo nome, ao largo da Oliveira, se ocupava na mudança do vinho numa pipa para a outra, caiu-lhe do bolso uma pistola e esta disparando-se foi a bala atingi-lo na frente, produ-zindo-lhe a morte.

Como desse sinal de vida foi transportado imediatamente para o Hospital da Misericórdia, aon-de pelas 23 horas faleceu.

Correu o boato que aquele nos-so amigo se tinha suicidado, o que não foi verdade, mas sim um desastre.

O funeral, que foi muito con-corrido, realisou-se na quinta-fei-ra na igreja da Oliveira.

A' familia em luto, as nossas condolências.

Vendem-se

Os seguintes artigos, por pre-ços á vontade do freguês:

—Buracos, na rua de D. João.

—Projectos, a Câmara.

—Doutores, a Sociedade.

—Piada, cá a redacção.

—Valentia, o Eduardinho.

—Falas meigas, o Fonseca.

—Musa aleijada, o Isaias.

—Cabelo, o Sobras.

—Gordura, o Padre António.

—Rôlas, a Herminia.

—Cabeça dura, o Zacarias.

—Lanternas, cá na casa.

—Pirilampos, o Tavares.

—Arreios, o Rodriguino.

—Timbre mavioso, o Serra.

—Respeito, o Noronha.

—Verdasco, a Lanzaona.

—Botas, o Nicolau.

Zabumba.

Pra cá vens de carrinho!...

E' no próximo domingo, 26, que se representa nesta cidade a revista «3 X 9=27» original dos srs. Artur de Matos e Diniz de Melo e na segunda feira, 26, tem a sua *première* a revista em 3 actos, original dos nossos ami-gos Luis Teixeira Jacinto e Leão Martins. A peça é polvilhada de graça. Vai pois ter o Teatro Afonso Henriques, uma casa á cupha, razão porque poucos bilhetes res-tam.

O scenário é primoroso e o guarda-roupa é deslumbrantissimo. Desde já os nossos parabens aos autores, pelo trabalho que ti-veram, para que, a sua peça, tenha o sucesso desejado, e pela boa aquisição da excelente com-panhia do Teatro Olimpia do Porto.

Rectificação

No número passado do nosso jornal, no soneto «Lamento» sai-ram algumas incorrecções que pe-dimos desculpa ao seu auctor e aos nossos presados leitores.

No sétimo verso onde se lê *em-posto*, deve ler-se *importa*.

No 11.º verso, onde se lê *es-quecerte*, deve ler-se *esqueceste*.

No 12.º verso, onde se lê *dor-me a paz supultura*, deve ler-se *dá-me a paz sepultura*.

A revista em 3 actos

CORRE

Que um padeiro da Rua Egas Moniz, perguntou a um seu visi-nho qual a maneira de se namo-rar, tendo por resposta que o mel-hor meio era conversar a 10 me-tros de distância para assim não ser ouvidas as suas palavras amo-rosas!

Só disto é que aparece aos ces-tos cá pela parvónia!

—Que a Lourdinhas ama o caixeiro do Rebelo.

—Que isto de amar há de um dia acabar triste, mas muito triste.

—Que o abalánado Lá Croix é um perfeito bombo.

—Que mais dia menos dia te-rá muito que contar.

—Que o Sobras no domingo passado estreiou umas botas de camurça-ó-branca, nas Caldas das Taipas.

—Que para esse grande mel-horamento teve o sapateiro da Caldeirõa um trabalho enorme.

—Que S. Ex.ª ao calçar as bo-tas alçou-as optimamente.

—Que o P'reira de Creixomil vendeu uma cadela por um quar-to de milho. Ao que chegou o mundo!!!...

—Que na passada segunda-feira, dois namorados, (o mundo está perdido), estavam conversan-do amigavelmente quando uma surpresa (mas ó que surpresa!) da patrõa os fês retirar apressa-damente um p'ra cada lado ou-vindo-se á patrõa a seguinte pira-midavel frase: *O' desavergonha-da vai lavar!*...

—Que o dito namorado se re-tirou lastimando a sua triste sorte.

Sôr Simão: Recomendá-mos lhe que desprese o sexo feminino, olhando com a pacificação para *li-teratura* que o amigo tanto ama.

—Que o Bilontra vai tomar a sua defesa contra o quizenário académico «Aurora Académica».

—Que a nossa incomparavel «russa» chega por estes dias a esta cidade trazendo consigo no-vas remessas de feitiçarias.

Com vista ao defensor.

—Que o «Castelo de Guima-rães» sofreu grandes melhoramen-tos no cabeçalho.

—Que o poeta Taramelo não podendo tomar a defesa da sua apaixonada *feiticeira*, sem con-sultar a revista «Pra cá vens de carrinho» deu raia no sentido pró-prio em que a queriamos tomar.

—Que cá o esperamos com as devidas atenções e respeitos.

—Que estando um cidadão, na rua de Paio Galvão, num destes dias cavaqueando (como quem namora...) com uma galante costu-reira, passou, nessa ocasião, uma rapariga que dá pelo nome de Flo-rinda dos namoros, que se dirigiu á galante costureira, nestes termos:

—ó fulana: quantos queres? que-res roubar-me o meu Zé Maria?

responden então a costureira que estava cavaqueando:—Sabes que mais, ó Passarinha Ençossa: vai, que eu não tu quero...

da-lhe outra gravata melhor que a que lhe deste, ouviste minha Ençossa? A outra retirou-se enquanto a mes-ma continuava a cavaquear...

Que não façam tolices e o res-to...que falem á vontade que não há perigo.

—Que a Câmara não acata as ordens do sr. Pimenta: é o diabo, porque se o homenzinho veste a farda...é da gente gritar: mau! mau! mau!

—Que alguém pensa em adqui-rir uma fenomenal gaiola situada na rua de Val-de-donas, á esquina, para quantos grilos, môscas e pul-gas, apanhar, lá dentro, as met-ter. Que seja feliz, com o negocio!

P'ra cá vens de carrinho!...

DE BORLA

O Rato Azul

Até que em enfim se exhibe ho-je no teatro de D. Afonso Henri-ques, o tam desejado film «O Rato Azul». E' sem dúvida a melhor fita que tem aparecido nos salões cinematograficos.

No «Central Chantecler» exi-bem-se hoje as sensacionais peli-culas *Bõa Justiça*, drama polí-cial, em 2 partes e *Drama na Locomotiva*, também em 2 par-tes, além de outras fitas soberbas.

No seu género a casa «**Sondres em Guimarães**» é a que mais sortido tem e melhores artigos vende. **Corte inglês, sistema MINISTER'S**

Loja de Sola

— DE —

Joaquim S. Boaventura Mendes Guimarães

Neste estabelecimento encontra-se um variado sortido em sola, cabedais e miudezas próprios para sapstarias.
Artigos de luxo para calçado.
Grande sortido em fivelas e aperta-laços para senhora e criança.
Exportação de calçado e depósito de malas de chapa e couro.
Preços baratíssimos.

13, Rua de S. Dámaso, 15 — GUIMARÃES

BOLACHA INGLESA

— DE —

Hutley, & Palmers, Grawford's, Carr's e Peck Frean & C."

MANUEL JOAQUIM DA CUNHA & MENEZES

Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES

Massas alimenticias nacionais e estrangeiras

CHAMPAGNE E CONSERVAS

MERCEARIA---CONFEITARIA

CASA MARTINS

Mercearia e Confeitaria

106, Rua da Republica, 108 — GUIMARÃES

Casa sem rival, na venda do saboroso CAFÉ «DELICIOSO», especialidade da casa. O café é moído a vista do freguês. Neste estabelecimento tambem se vende o especial queijo da SERRA DA ESTRELA.
Há tambem um variado sortido de artigos de mercearia e confeitaria.

UMA VISITA A' CASA MARTINS

Ao guarda-sol elegante

Depósito de guardasóis e bengalas

154, Rua da Republica, 160

GUIMARÃES

João Carlos Vieira de Andrade previne os seus amigos que acaba de tomar de trespasse a antiga e conhecida casa dos guardasóis, estabelecida há longos anos na antiga Rua da Rainha.

Neste estabelecimento encontrarão sempre grande sortido de guardasóis e bengalas, por preços convidativos.

Tambem continua a encarregar-se de todos os concertos de guardasóis, desde o mais simples ao mais dedicado que apareça, tudo por preços sem competencia.

Uma visita ao estabelecimento, a titulo de experiencia, será o suficiente para se certificarem da verdade do que fica dito.

MERCEARIA E CONFEITARIA ANDRADE

32, Largo da Oliveira, 33

Guimarães

Virgilio Vieira de Andrade participa a todos os seus amigos e aos freguêses habituais da casa, que acaba de tomar de trespasse, a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.ª qualidade, e de confeitaria, como: sônhos, tortas, sardinhas de doce, pão de ló fabricado pelo sistema de Margaride, frutas secas e caldeadas, etc., etc.

Recebem-se encomendas de doce de prato, o qual se fornece com a máxima perfeição e aceio.

Preços convidativos.

A Flor de Guimarães Mercearia e Confeitaria

DE

Ribeiro & Sobrinho

Especialidade em chá, café e azeite.

Neste novo estabelecimento, situado no Largo da Oliveira, n.º 14, 15 e 16, encontra-se a venda todos os artigos de mercearia tais como arroz, assúcar, bacalhau, massas alimenticias, bolachas, vinhos finos. Café moído a vista do freguês desde 550 reis a 900 reis o kilo.

Azeite de boa qualidade a 140 e 160 o melo litro, Uma visita a FLOR DE GUIMARÃES

COSTA COLCHOEIRO

RUA EGAS MONIZ, 11—GUIMARÃES

Executa com perfeição e rapidez todos os trabalhos que digam respeito á arte de colchoaria. Tambem se encarrega da colocação de cortinas e toldos.

Preços módicos.

O ESPIÃO

Publicação quinzenal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Trimestre . . . 12 centavos (120 rs.)
Pelo correio aumenta 3 centavos (30 rs.)
para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e com., linha 4 cent. (40 rs.)
Repetição, linha . . . 2 » (20 »)
Anúncios não judiciais, para os srs. assi-
nantes, 25 % de abatimento.

O ESPIÃO

Publicação quinzenal

Car. mo. Sr.